

MICHEL
DE MONTAIGNE

Os ensaios
Uma seleção

Organização de
M. A. SCREECH

Tradução e notas de
ROSA FREIRE D'AGUIAR



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução ©
Copyright da seleção © M. A. Screech

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress
are registered and/or unregistered trademarks
of Penguin Books Limited and/or
Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.
Published by Companhia das Letras in association
with Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
The essays: a selection

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Seny Cordeiro

REVISÃO
Isabel Jorge Cury
Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Montaigne, Michel de, 1533-1592.

Os ensaios: uma seleção / Michel de Montaigne; orga-
nização M. A. Screech; tradução Rosa Freire d'Aguiar. — São
Paulo: Companhia das Letras, 2010.

ISBN 978-85-63560-06-3

1. Ensaios franceses 2. Filosofia francesa I. Screech, M. A..

II. Título.
10-10528

CDD-194

Índice para catálogo sistemático:
1. Filosofia francesa 194

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500 Fax: (11) 3707-3501
www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Introdução — Erich Auerbach	9
Nota da tradutora	31
OS ENSAIOS	35
Ao Leitor	37
LIVRO PRIMEIRO	
I. Por meios diversos se chega ao mesmo fim	41
VIII. Sobre a ociosidade	47
XV. Sobre a punição da covardia	51
XVII. Sobre o medo	54
XIX. Que filosofar é aprender a morrer	59
XXV. Sobre a educação das crianças	84
XXXVI. É loucura atribuir o verdadeiro e o falso à nossa competência	131
XXX. Sobre os canibais	139
XXXI. Que é preciso prudência para se meter a julgar os decretos divinos	158
XXXVIII. Sobre a solidão	162
LVI. Sobre as orações	179
LVII. Sobre a idade	193

LIVRO SEGUNDO

I. Sobre a inconstância de nossas ações	201
II. Sobre a embriaguez	212
V. Sobre a consciência	227
VIII. Sobre a afeição dos pais pelos filhos	234
XI. Sobre a crueldade	261
XXXII. Defesa de Sêneca e de Plutarco	283
XXXV. Sobre três boas esposas	292
XXXVII. Sobre a semelhança dos filhos com os pais	303

LIVRO TERCEIRO

II. Sobre o arrependimento	345
III. Sobre três relações	364
V. Sobre versos de Virgílio	381
VI. Sobre os coches	466
XI. Sobre os coxos	492
XIII. Sobre a experiência	508
<i>Cronologia</i>	585
<i>Outras leituras</i>	593
<i>Índice remissivo</i>	595

Os ensaios, de Montaigne

ROSA FREIRE D'AGUIAR

O texto de *Os ensaios* aqui traduzido é o da edição póstuma de 1595, a mesma que serviu de base para a edição publicada em 2007 pela editora Gallimard na coleção Pléiade. Não existe uma edição definitiva da obra de Montaigne. A importância e o caráter dos acréscimos que ele foi incorporando ao texto, desde que escreveu o primeiro ensaio, por volta de 1571, até morrer, em 1592, mostram que seu projeto não parou de evoluir e se adensar ao fio das edições. A primeira, de 1580, traz apenas os livros I e II. Dela já consta um dos mais famosos ensaios da obra, “Sobre os canibais”, que reconstitui o encontro de Montaigne com três índios brasileiros tupinambás, em Rouen, em outubro de 1562. Em 1588 sai a quinta edição, trazendo o Livro III, cerca de quinhentas novas citações e outras tantas adições e modificações. É a última edição publicada com o autor em vida. Um dos exemplares dessa edição de 1588, copiosamente anotado por Montaigne, está conservado na Biblioteca Municipal de Bordeaux: é o Exemplar de Bordeaux. Outro, com as últimas intervenções de Montaigne e guardado pela família, serviu de base à edição de 1595, organizada por Marie de Gournay, a jovem literata e admiradora de Montaigne, que a considerava uma filha adotiva. O trabalho minucioso de Gournay consistiu em fazer alterações de grafia e incorporar centenas de correções e

acréscimos feitos nas margens e entrelinhas pelo autor. A edição de 1595 conheceu sucesso imediato e serviu para várias outras edições, algumas clandestinas, outras expurgadas, durante pelo menos dois séculos, pois só no início do século XIX publicou-se o texto conforme o Exemplar de Bordeaux. Foi a edição póstuma que leram os contemporâneos de Montaigne, assim como Pascal, Voltaire, Rousseau, e tantos outros intelectuais que contribuíram para difundir o monumento literário de Montaigne. Marie de Gournay também fez inúmeras anotações ao texto, tendo rastreado e traduzido as fontes das citações. Desde então, os especialistas sucessivos acrescentaram notas próprias às das edições anteriores.

As notas introdutórias de cada ensaio e as notas de rodapé desta edição foram feitas pela tradutora a partir da edição da Pléiade de 2007, organizada por Jean Balsamo, Michel Magnien e Catherine Magnien-Simonin, da Seleção dos *Ensaaios* publicada em 2004 pela Penguin Classics, com organização e tradução de M. A. Screech, e da edição virtual feita por Guy de Pernon em 2008, apresentando a obra de Montaigne em francês contemporâneo.

A numeração seguida no sumário corresponde aos números de cada ensaio dos três livros que formam o conjunto da obra. Quando não comprometido o entendimento do texto, manteve-se a pontuação adotada por Montaigne, que se reconhecia “pouco especialista” na matéria e recorria abundantemente aos dois-pontos e pontos e vírgulas como forma de cadenciar o texto. Também foi respeitada a disposição original do texto, sem parágrafos, ou melhor, com um só parágrafo por ensaio.

Montaigne aprendeu a falar em latim, a língua da elite culta, e só aos seis anos iniciou-se no francês. A influência do latim se faz presente tanto na profusão de citações de autores da Antiguidade como na própria estrutura da frase, muito próxima da sintaxe latina. Os *ensaaios* são escritos em linguagem recheada de incisos,

digressões, arcaísmos, trocadilhos, às vezes em detrimento da clareza. Acrescente-se que muitas anotações marginais feitas pelo autor de modo elíptico tinham um significado que provavelmente só era claro para ele. Esta tradução procura conciliar o respeito ao original com a legibilidade para um leitor de hoje, apresentando-lhe uma versão cuja fluência, longe de banalizar a obra, o leve ao prazer da leitura de *Os ensaios*.

Os ensaios

DE MICHEL SENHOR DE MONTAIGNE

Edição nova, encontrada depois da morte
do Autor, revista e ampliada por ele
em um terço em relação às precedentes impressões

Em Paris,
Abel L'Angelier, no primeiro pilar
da grande sala do Palácio

MDXCV

Com privilégio

Ao Leitor

Aqui está um livro de boa-fé, Leitor. Ele te adverte, desde o início, que não me propus outro fim além do doméstico e privado. Nele não tive nenhuma consideração por servir-te nem por minha glória: minhas forças não são capazes de tal desígnio. Dediquei-o ao uso particular de meus parentes e amigos, a fim de que, tendo-me perdido (o que breve terão de fazer), possam aqui encontrar alguns traços de minhas atitudes e humores, e que por esse meio nutram, mais completo e mais vivo, o conhecimento que têm de mim. Se fosse para buscar os favores do mundo, teria me enfeitado de belezas emprestadas. Quero que me vejam aqui em meu modo simples, natural e corrente, sem pose nem artifício: pois é a mim que retrato. Meus defeitos, minhas imperfeições e minha forma natural de ser hão de se ler ao vivo, tanto quanto a decência pública me permitiu. Pois se eu estivesse entre essas nações que se diz ainda viverem sob a doce liberdade das leis primitivas da natureza, asseguro-te que teria com muito gosto me pintado por inteiro e totalmente nu. Assim, Leitor, sou eu mesmo a matéria de meu livro: não é razão para que empregues teu vagar em assunto tão frívolo e vão. Portanto, adeus. De Montaigne, neste primeiro de março de mil quinhentos e oitenta.

LIVRO PRIMEIRO

*Por meios diversos
se chega ao mesmo fim*

Capítulo I

O primeiro capítulo trata da guerra e da história, assuntos apropriados para um nobre. Montaigne introduz em suas reflexões o irracional (a surpresa, o êxtase e a fúria da batalha) e mostra como são imprevisíveis as reações perante esses sentimentos, até mesmo em homens virtuosos, grandes e corajosos. As explicações dos motivos são mera conjectura. Cita o exemplo de Conrado III, a partir da introdução do livro *Methodus*, de Jean Bodin, que estava lendo por volta de 1578. Provavelmente este primeiro capítulo não foi o primeiro a ser escrito, mas sua composição — histórias de diversas fontes em torno de um mesmo tema e seguidas de curtos comentários — dá um dos tons da obra. Dedicado à compaixão e ao perdão, o capítulo terminava, na edição de 1580, com uma oposição entre a clemência de Pompeu e a dureza de Sila. Os dois acréscimos seguintes, que exploram a lenda negra de Alexandre, acentuam o caráter insondável do comportamento humano.

O modo mais comum de amolecer os corações daqueles a quem ofendemos, quando, tendo em mãos a vingança, eles nos mantêm à sua mercê, é por nossa submissão movê-los à comiseração e à piedade. Contudo, a bravura, a constância e a resolução, meios totalmente contrários, às vezes tiveram esse mesmo efeito. Eduardo, príncipe de Gales, aquele que por tanto tempo reinou sobre nossa Guyenne,* personagem cujas condições e fortuna têm feitos muitos notáveis de grandeza, tendo sido fortemente ofendido pelos limusinos, tomou-lhes a cidade à força. Os gritos do povo, e das mulheres e crianças abandonadas à carnificina, suplicando-lhe misericórdia e prostrando-se a seus pés, não conseguiram detê-lo; até que, prosseguindo a investida pela cidade, avistou três fidalgos franceses que com inacreditável intrepidez resistiam, sozinhos, ao esforço de seu exército vitorioso. A consideração e o respeito por virtude tão notável embotaram, primeiramente, a ponta de sua cólera: e ele começou por esses três a conceder misericórdia a todos os outros habitantes da cidade. Scanderberch, príncipe do Épiro, perseguiu um de seus soldados para matá-lo, e

* Região onde Montaigne nasceu e morou, no sudoeste da França, e cujas fronteiras variaram ao longo do tempo. Bordeaux era a capital.

esse soldado, depois de tentar acalmá-lo por toda espécie de humildade e súplicas, decidiu-se pelo recurso extremo de esperá-lo de espada em punho; essa sua resolução sustou de chofre a fúria de seu senhor que, por tê-lo visto tomar tão honroso partido, lhe concedeu seu perdão. O exemplo poderá prestar-se a outra interpretação por parte daqueles que não tiverem lido sobre a prodigiosa força e valentia desse príncipe. O imperador Conrado III sitiou Guelfo, duque da Baviera, e não quis aceitar condições mais suaves, por mais vis e covardes fossem as reparações que lhe ofereciam, a não ser permitir que as senhoras que estavam sitiadas junto com o duque saíssem com sua honra salva, a pé, levando consigo o que pudessem. Com coração magnânimo, elas tiveram a ideia de carregar nos ombros seus maridos, filhos, e até o duque. O imperador teve tanto prazer em ver a gentileza dessa nobreza de coração que chorou de contentamento e abrandou todo aquele azedume da inimizade mortal e capital que votara contra o duque; e daí em diante tratou humanamente a ele e aos seus. Um ou outro desses dois meios me arrebataria facilmente, pois tenho um fraco espantoso pela misericórdia e pela clemência. Tanto assim que, a meu ver, eu tenderia a me render mais naturalmente à compaixão do que à estima. No entanto, para os estoicos a piedade é paixão viciosa: querem que socorramos os aflitos, mas não que nos enternecemos e compadeçamos deles. Ora, esses exemplos parecem-me mais a propósito por vermos essas almas acometidas e postas à prova pelos dois métodos resistirem a um, inabaláveis, e se curvarem ao outro. Pode-se dizer que partir o coração com a compaixão é efeito da afabilidade, da complacência e da frouxidão, donde resulta que estão mais sujeitas a isso as naturezas mais fracas, como as das mulheres, das crianças e do vulgo. Mas (tendo demonstrado desprezo pelas lágrimas e pelos prantos) render-se somente à reverência da imagem san-

ta da virtude é ato de uma alma forte e inquebrantável, que aprecia e honra o vigor másculo e obstinado. Todavia, em almas menos generosas o espanto e a admiração podem produzir efeito parecido. Prova disso é o povo tebano, que, tendo chamado a juízo seus comandantes sob a acusação capital de terem prosseguido o mandato além do tempo que lhes fora prescrito e preordenado, a muito custo absolveu Pelópidas, que vergava sob o fardo de tais objeções e para defender-se só recorria a petições e súplicas; e, ao contrário, quando Epaminondas veio a contar magnificamente os atos por ele realizados e com eles exprobu o povo orgulhosa e arrogantemente, o povo tebano não teve ânimo de pegar em mãos as fichas de votação e a assembleia se dissolveu, louvando grandemente o nível de coragem daquele personagem. Dionísio, o Velho, que depois de delongas e dificuldades extremas tomara a cidade de Rege, e nesta o comandante Fíton, grande homem de bem que a defendera com tanta obstinação, quis disso tirar um trágico exemplo de vingança. Primeiramente disse-lhe que, na véspera, mandara afogar seu filho e todos os de sua parentela. Ao que Fíton respondeu apenas que eram, por um dia, mais felizes que ele. Depois mandou que o despissem e entregou-o aos carrascos para que fosse arrastado pela cidade, açoiando-o muito ignominiosa e cruelmente; e, ademais, acusando-o com palavras pérfidas, malvadas e injuriosas. Mas ele manteve a coragem sempre constante, sem desistir. E, com rosto firme, ia, ao contrário, rememorando em voz alta a honrosa e gloriosa causa de sua morte, por não ter desejado entregar seu país nas mãos de um tirano; e ameaçando-o com uma pronta punição dos deuses. Lendo isso nos olhos de sua soldadesca, que, em vez de se irritar com as bravatas desse inimigo vencido e com o desprezo que mostrava pelo chefe e seu triunfo, se enternecia de espanto diante de uma virtude tão rara e deliberava em vista de se amotinar, e até de arran-

car Fíton das mãos de seus guardas, Dionísio mandou parar esse martírio e às escondidas ordenou que o afo-gassem no mar. Na verdade, o homem é um sujeito ma-ravilhosamente vão, diverso e ondulante: é árduo estabe-lecer sobre ele um julgamento constante e uniforme. Eis Pompeu, que perdoou a toda a cidade dos mamertinos, contra a qual andava muito irritado, em consideração à virtude e à magnanimidade de Zenão, um cidadão que assumiu sozinho o erro público e não requereu outra graça além de suportar sozinho a punição por este. E o anfitrião de Sila, tendo demonstrado na cidade de Perú-gia bravura semelhante, nada ganhou, nem para si nem para os outros. E diretamente contra meus primeiros exemplos, Alexandre, o mais intrépido dos homens e tão bondoso com os vencidos, ao tomar pela força a cidade de Gaza, depois de grandes dificuldades, encontrou Bétis, que ali comandava e de cujo valor tivera, durante esse cerco, provas maravilhosas; agora Bétis estava só, abandonado pelos seus, com as armas estraçalhadas, todo coberto de sangue e chagas, ainda combatendo no meio de vários macedônios que o atormentavam de to-dos os lados; e Alexandre, muito irritado com uma vitó-ria tão cara (pois, entre outros danos, recebera duas feridas recentes em seu corpo), disse-lhe: “Não morrerás como quiseste, Bétis; sabe que tens de sofrer todos os ti-pos de tormentos que poderão ser inventados contra um cativo”. O outro, com semblante não só firme mas des-denhoso e altivo, ficou sem dizer uma palavra diante dessas ameaças. Então, vendo sua obstinação e mutis-mo, disse: “Ele dobrou um joelho? Escapou-lhe alguma palavra suplicante? Realmente, vencerei esse silêncio, e se dele não puder arrancar uma palavra, arrancarei no mínimo um gemido”. E, sua cólera transformando-se em furor, mandou que lhe perfurassem os calcanhares, e as-sim vivo o fez dilacerar e desmembrar, e se arrastar pre-so a uma carroça. Seria porque a força da coragem lhe

fosse tão natural e comum que, por não mais admirá-la, a respeitava menos? Ou porque a considerasse tão propriamente sua que, em tal grau, não conseguiu suportar vê-la em outro sem o despeito de uma paixão invejosa? Ou porque a impetuosidade natural de sua cólera fosse incapaz de aceitar uma oposição? Na verdade, se sua cólera tivesse sido freada, é de crer que teria feito o mesmo durante o saque e a devastação da cidade de Tebas, ao ver cruelmente passar pelo fio da espada tantos homens valentes, perdidos e sem mais nenhum meio de defesa pública. Pois ali foram mortos bem 6 mil, dos quais nenhum foi visto fugindo nem pedindo misericórdia. Ao contrário, procurando, uns aqui outros ali, pelas ruas enfrentar os inimigos vitoriosos, provocando-os para fazê-los morrer de morte honrosa. Nenhum foi visto que não tentasse se vingar ainda em seu último suspiro, e com as armas do desespero consolar-se de sua morte com a morte de algum inimigo. A coragem aflita de todos eles não suscitou a menor piedade, e a duração de um dia não bastou a Alexandre para saciar sua vingança. Essa carnificina durou até a última gota de sangue a derramar e só se deteve nas pessoas desarmadas, os velhos, mulheres e crianças, para transformá-los em 30 mil escravos.